



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

8 de Maio de 2010 • Ano LXVII • N.º 1726
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

GENTE DAS LETRAS AO ENCONTRO DE PAI AMÉRICO

Padre Américo, ou a simplicidade do amor ao próximo

«Para chegar a conhecer bem os Pobres, tive primeiro que me tornar conhecido deles, participante das suas lágrimas, desejoso da sua penúria.»

Padre Américo, Páginas escolhidas, pp. 138-139



○ Encontro foi. Como prometemos, aqui estamos dando notícia dele.

As intervenções dos Doutor Luís Amaral e do Doutor Luís Fernandes foram ditas e matéria do diálogo na mesa-redonda. E hoje se publica a que a Doutora Maria João Reynaud preparou e teve a gentileza de pôr em nossas mãos.

Padre Carlos

Em boa hora se evoca a dimensão pedagógica e humanística do fundador da Casa do Gaiato, iluminada por uma vertente literária que a reedição de «Páginas Escolhidas», pela mão atenta do seu primeiro editor, José da Cruz Santos, veio há pouco tempo recordar. Sendo esta a expressão mais valiosa do amor ao próximo, no âmbito de uma Obra de solidariedade social e cristã que tem sobrevivido a inúmeras dificuldades, hoje talvez ainda maiores, gostaria que as breves reflexões que a leitura do livro me suscitou fossem recebidas como uma homenagem àquele que soube captar o sentido essencial da palavra evangélica. E como? Fazendo do amor ao próximo o lema da sua vida e transformando-o num guia de acção exemplar para a sociedade do seu tempo e, mais de cinquenta anos depois, para esta em que vivemos. Hoje, a brutal desumanização da sociedade é uma realidade de que não

se fala abertamente e a exclusão social um flagelo crescente, gerador de tensões disruptivas e de conflitos insanáveis, que tendem a generalizar-se. Subscrevemos por inteiro o voto manifestado pela Professora Maria Helena da Rocha Pereira na «Breve Apresentação» desta «Antologia», a qual, nas suas palavras, «continua, cheia de ensinamentos e actual como nunca», sendo, por isso mesmo, «ocasião de renovar [...] a homenagem a tão alta figura».

Os escritos recolhidos neste volume de «Páginas Escolhidas», onde não há uma ordenação cronológica explícita, foram retirados, na sua maior parte, do *Jornal* da Casa do Gaiato, conforme podemos ler numa das badanas. O que significa que o *Jornal* é o lugar de eleição de uma forma de comunicação mediática que o Autor criou à medida das suas necessidades, de modo a que os seus textos pudessem ser o testemunho vivo

de uma acção humanitária e apostólica, da qual quer prestar contas publicamente.

Através de uma argumentação clara e simples, que aposta na dimensão intersubjectiva da linguagem, o Autor sensibiliza o Leitor anónimo para a causa da «Obra da Rua», ao mesmo tempo que faz um apelo subliminar à sua validação. O discurso epidíctico (tradicionalmente representado pela oratória eclesial) dá aqui lugar a um discurso que se narrativa com espaços, acção e actores definidos e em que a pessoa do narrador só existe em função daqueles com que se cruza ou dialoga. No seu discurso intervêm múltiplas vozes, que actualizam o mundo das relações sociais. Em vez da síntese dialéctica, encontramos o dialogismo, que aceita a coexistência de perspectivas diversas, umas complementares, outras opostas. Ou seja:

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

NUM momento muito sério e num local com poder decisivo sobre a vida das pessoas, foi-me perguntado de que vivia, quais os meus rendimentos. Este é um assunto que não me atrapalha nada, nem a vida a ninguém. É tão redondinha a resposta e, por isso, muito perfeita: zeros, e mais nada.

A pobreza, ninguém e nada como ela, é tão libertadora. Por isso Francisco de Assis a qualificava de altíssima, tal o grau do seu valor.

Ela não procura agradar a ninguém; por isso, se sujeita a ser acolhida ou rejeitada. Uns, os que a apreciam, chamam-lhe mãe e companheira. Outros, os que a repelem, olham-na com desprezo e como coisa inútil.

Mas a sua utilidade é enorme. Só aqueles que a acarinharam no seu coração, puderam experimentar a liberdade que ela transmite aos que a amam. Só ela abre ao conhecimento da verdade. Outros caminhos para lá chegar provocam esforços, esses sim, inúteis ou mesmo nefastos.

A verdade é imutável, e por isso não expira por efeito do tempo, do espaço ou por qualquer outro factor.

A pobreza nunca atenta contra a verdade, visto serem irmãs gémeas numa afinidade comprometida.

A verdade das coisas é de difícil acesso. E é tão difícil porque a chave que abre o seu segredo só se entrega a quem dela não se quer apossar, mas, simplesmente, admirar.

As leis que os homens fazem, só eles fazem leis, são tomadas de posse. Assim restringem a verdade a um tempo, a um local ou a um interesse particular.

Então, vamos viver sem leis? Não, mas vamos aplicá-las como quem não tem poder, nem interesses, nem direito de julgar ninguém — julgar como se não julgasse.

Continua na página 4

O BOM PASTOR

Padre João

EM pleno coração do Tempo Pascal e depois de, Domingo após Domingo, a Liturgia da Palavra de Deus nos ter presenteado com variadíssimas manifestações do Senhor Ressuscitado, o Domingo quarto deste tempo involudável, apresenta-nos um requintado "auto-retrato" do Senhor: «Eu sou o Bom Pastor».

Esta auto-compreensão de Si-mesmo é simultaneamente um timbre com o qual encerra o Seu testamento: «que vos ameis uns aos outros como eu vos ame» (Jo.15,12).

Esta compreensão de Si-próprio radica na mais pura tradição profética que em Ezequiel encontrou maior expoente: «Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas, sou Eu quem as fará descansar... Procurarei aquela que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha tresmalhado; cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente... Vigiarei sobre a que está gorda e forte. A todas apascentarei com justiça». (Ez. 34,15-16). A era pós-cristã proporcionará a S. Agostinho, nos seus Sermões

acerca dos Pastores, expô-la como doutrina normativa. Tão actual e interpelante, em Ano Sacerdotal...!

Não nos parece pois que esta tão sugestiva e inspiradora imagem de Cristo, do Seu Mistério Pascal, não encontre eco nas vivências culturais do nosso tempo, ao menos como arquétipo — O mundo tem sede de Deus.

De facto, a imagem do pastor sugere sempre um elemento de agregação, portador de afecto, de cuidado extremo, de protecção. É uma moldura humana carregada de ternura.

Transportada para um plano espiritual, de acção evangélica, se torna facilmente ícone da própria acção pastoral da Igreja junto dos Homens, em todos os tempos e latitudes.

Na linha do Salmo 62, a imagem do Bom Pastor desafia a Igreja, de forma permanente, à Confiança no Seu Senhor: «ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo...». A confiança gera compromisso. Foi assim que ao longo dos séculos se escreveram pági-

nas de ouro na História da Igreja, nascidas da experiência sempre apaixonante da Caridade de Cristo Bom Pastor.

Elas nasceram e alimentaram-se do amor, feito compaixão, Misericórdia e Caridade de Cristo Bom Pastor, principalmente para com os mais débeis e pobres: os doentes, os leprosos, os nus, os reclusos, os sem-abrigo. Ouçamos a voz de S. João de Deus: «Fazei o Bem irmãos; fazei o Bem por amor de Deus». Contemplemos os gestos de Francisco de Assis, a radicalidade de um Daniel Comboni, de Maximiliano Kolbe, do Padre Damião... ou ainda o apelo do Padre Américo: «em vez de pôr e sobrepor... vamos ao quinhão dos pobres...!» Que falta faz a audácia da Madre Teresa de Calcutá, a bondade do Papa João XXIII, a coragem de Paulo VI, o sorriso de João Paulo I, a força interior de João Paulo II e a lucidez de Bento XVI... São estes esteios de ardor pascal que vão segurando o mundo no seu percurso sinuoso; que desafiam a Igreja à sua pureza e testemunho original. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

INCENTIVO À PREGUIÇA? — A actual crise económica e a correspondente necessidade de reduzir as despesas públicas têm trazido à mó de cima a discussão sobre cortes nas despesas sociais, nomeadamente naquelas que se destinam a apoiar pessoas em situação de pobreza, tais como o Rendimento Social de Inserção. Critica-se as situações de fraude no acesso a estes apoios e contrapõe-se que fraudes também existem, e em ponto muito maior, entre os ricos que mais fogem aos impostos e mais se aproveitam dos dinheiros públicos nos apoios que o Estado concede aos seus negócios. Critica-se que medidas como o RSI são um incentivo à preguiça e contrapõe-se que só é assim se esta medida for desvirtuada na sua aplicação quando o apoio financeiro não é acompanhado da obrigação do beneficiário realizar um conjunto de acções que façam com que possa vir a ser autónomo e deixe de precisar dessa ajuda.

Para quem anda nas Conferências Vicentinas e noutras organizações do género nada disto é novo. Na esmagadora maioria dos casos com os quais nos confrontamos estes problemas e esta discussão existem. Continua a ser assim com casos que actualmente temos em mãos. Podemos nem sempre fazer bem, mas procuramos que as ajudas que concedemos não sejam um incentivo à preguiça. Já tivemos que ser “duros” em várias ocasiões para evitar que isso acontecesse e vamos ter que continuar a ser.

O que não está bem, de certeza absoluta, é comodamente fazer pagar o justo pelo pecador com “críticas de bancada” e cortes cegos. Se entre os pobres há quem seja rico em manha e quem se aproveite indevidamente de certas ajudas, não são todos assim e nem sequer os pobres têm o monopólio deste tipo de comportamento. Por isso, em vez de fazer “críticas de bancada” o que é preciso é ir ver e conhecer de perto os casos que possam precisar de ajuda, avaliando *in loco* o melhor que pudermos as reais necessidades que poderão aí existir, sejam elas de natureza material ou outras. Fazer “críticas da bancada”, ou ficarmos-nos por sistemas burocráticos de combate às situações de pobreza que não vão tão longe quanto seria necessário no contacto directo com essas situações é que é incentivar a preguiça e dar espaço para que a fraude aconteça. Na parte que nos toca, e com todas as nossas falhas de seres humanos que somos, fazemos por evitar que assim seja.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — O nosso Grupo Desportivo tem tendência a ficar cada vez mais forte, apesar da «moleza»...; do «não te rales»...; e, até mesmo, da falta de concentração de alguns, que se deixam distrair, pelo «vírus» anti-estabilidade. Temos que ser firmes e perseverantes. Não nos podemos iludir, com tudo aquilo que não serve os ideais do Grupo.

Este fim-de-semana, fomos a casa da A. D. Freixo de Cima, muito perto de Amarante, defrontar os Juniores daquela Instituição, da A.F.Porto. Não fomos completos, é certo, mas podíamos ter feito muito melhor. Aquele «toquezinho a mais» — estraga tudo! Apesar de Joel ter feito o gosto ao pé, não conseguimos trazer a vitória para casa. Mesmo assim, tudo correu bem. Os Rapazes, na camioneta, vinham satisfeitos. No fim do jogo, foi-lhes servida a respectiva merenda, que o nosso Almeidinha tem sempre o cuidado de preparar. Nem só quando há muitos golos e se consegue os três pontos, é que distribuímos alegria e boa disposição. Jogar por desporto, é o nosso lema.

E foi precisamente a pensar nisso — jogar por desporto — que quinze dias depois, recebemos os briosos rapazes do Sport Comércio e Salgueiros. A «alma salgueirista» esteve na Casa do Gaiato.

Em relação ao jogo tudo correu lindamente. Um jogo onde houve golos para todos os gostos. Os rapazes do Salgueiros, apesar de terem a lição bem estudada, limitaram-se a ver os nossos Rapazes a jogar e a marcar golos: Rogério (3); Hugo (1); António Pedro (3); Ricardo Sérgio (1), e de se lhe tirar o chapéu; André «Garnisé» (1), e uma exibição de luxo; «Pretinho» (1); Joel (1) e Joaquina (1), com uma péssima exibição; contra dois do Sport Comércio e Salgueiros.

A acompanhar a equipa, vinham vários casais. Um dos quais, nunca cá tinha vindo — acontece muito! O nosso Grupo Desportivo, também arrasta...! Foram encantados com a nossa Aldeia e da maneira como nós vivemos. Realmente, há mais vida para além do futebol. A nossa vida; a vida de cada um. A vida da Casa do Gaiato, que continua a fazer homens para o dia de amanhã. Assim eles queiram?!

Se o desporto desta Casa fosse exclusivamente só para jogar a bola e ocupar o tempo quando não temos mais que fazer, já não era mau de todo, mas não! Graças a Deus, ultrapassa e muito, um simples jogo de futebol. □

De uma carta

«As palavras são sempre as mesmas, mas o meu sentimento é verdadeiro e imbuído de partilha, de comunhão e solidariedade.

Junto envio um pequeno cheque que tem por finalidade ‘pagar’ a assinatura anual do ‘nosso’ jornal, ficando na minha consciência a nítida sensação do quão pequena é a quantia monetária em relação à dádiva espiritual que me foi oferecida durante todo este ano, mas é a verba que me é possível dispor neste momento.

Que Deus vos dê a força necessária para continuardes a Obra que vos foi legada e que tão bons frutos tem produzido, apesar de todas as vicissitudes. Bem-hajam.

Assinante 70763

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — Tem-se continuado com o amanho dos campos, pois o tempo mais quente e seco assim o tem permitido. De facto, foi realizada a plantação da batata, na *terra nova*; e, alguns dias depois, aplicado herbicida. Entretanto, choveu bastante.

No lameiro, foi semeada milharada, cuja palha será aproveitada para a alimentação dos gados. Na *terra dos grilos*, que foi lavrada e fresada, efec-

tuou-se a sementeira do milho grão. Esperamos uma boa colheita, pois é tão necessária.

As ervas que têm crescido, especialmente nos olivais, vão sendo cortadas para dar ao gado. Nas últimas semanas, nasceram três cordeiritos. Um deles está a ser alimentado com biberão.

CONSERTOS — Com o mau tempo, o telhado da garagem estra-

gou-se; pelo que foi necessário repará-lo, para não meter água. Logo que possível, é preciso pintar algumas divisões da casa. Há paredes exteriores e muros que também necessitam de uma pintura.

DESPORTO — A 24 de Abril, Sábado, pelas 15.00h, houve uma tarde desportiva, de futebol de cinco, com alunos do Colégio Rainha Santa Isabel, de Coimbra, em que participaram duas equipas, dos pequenos e dos maiores. Seguiu-se uma boa merenda, que agradecemos.

PADRE HORÁCIO — No dia 06 de Maio, faz 10 anos que partiu para o Céu o nosso Padre Horácio. Entregou-se de alma e coração a esta Casa e aos Pobres. É justo que no dia 09 de Maio, Domingo, pelas 15.00h, seja celebrada uma Eucaristia, na Capela da Lentisqueira, Mira; seguida de uma romagem à sua campa, em que se lê a frase: *Paz e bem*. O encontro parte da nossa casa de férias, na Praia de Mira.

FESTAS — Conforme tem sido anunciado e no cartaz divulgado, está confirmada a nossa Festa-Encontro no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, no dia 22 de Maio, Sábado, pelas 15.00h, com a participação das nossas Casas. Gostávamos que a sala se enchesse de muitos dos nossos Amigos, 70 anos depois da fundação desta Casa do Gaiato. □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Abril,
48.600 exemplares**

FESTA-ENCONTRO

GAIATOS DO PADRE AMÉRICO EM COIMBRA
TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE
22 DE MAIO DE 2010 – SÁBADO – 15 HORAS



CONTACTOS:

Teatro Académico Gil Vicente – Praça da República – 3000-343 Coimbra
Tel. 239 855 630 – Fax 239 855 637 – e-mail: teatro@tagv.uc.pt

Bilheteira: Tel. 239 855 636 – Horário: Seg. a Sábado: 17.00h - 22.00h

As reservas têm de ser levantadas durante os três dias seguintes ao pedido, ou serão anuladas. Só se aceitam reservas até três dias antes do espectáculo.

SETÚBAL

PRIMÍCIAS — Começamos a colher os primeiros frutos da terra, deste ano: batatas, favas, ervilhas e forragem para o gado.

A colheita traz sempre alegria ainda que seja fraca. Os rapazes não só gostam mas deliram!

Com a falta de dois professores, os pequenos, ficaram com tempo de sobra para recreio e trabalho.

Mesmo do terceiro e quarto ano escolares, as crianças são capazes de apanhar favas.

Ensinei-os a torcer a vagem, antes de a apanhar, para não ofender o caule das faveiras e lá andaram eles, dois em cada lado das fileiras, a encher as caixas de favas. Ao outro dia, foram contar à senhora professora, que me deu o eco da alegria gozada por eles: — *Olhe que apanhámos 7 caixas das grandes!*

Os actuais psicólogos, psiquiatras e educadores descobriram que a terra era um elemento precioso para ajudar o equilíbrio e a recuperação de crianças e jovens! E fartam-se de o apregoar em conferências e seminários, dirigidos a gente que trabalha com crianças desamparadas.

Mas, há quanto tempo, as Casas do Gaiato utilizam a terra para a aquisição da harmonia fundamental da pessoa humana? Elas são, e foram sempre no campo, nunca na cidade, por causa disso mesmo.

Utilizar a terra não é só brincar

com ela, como alguns inconscientes entendem mas, é sobretudo entrar no seu jogo: prepará-la, semeá-la, ver o crescimento das plantas, cuidar delas e colher os frutos: *«olhe que apanhámos 7 caixas!»*

TESTES — As aulas começam a apertar. O ano escolar aproxima-se do fim e os professores avaliam.

— Então, onde estiveste?

— Tenho teste na sexta-feira.

Gosto muito destas respostas. Os rapazes agarram-se ao estudo. Como faz bem ao homem, ter de dar contas e fazer esse exercício de responsabilidade. O teste é uma maneira bem concebida de obrigar os jovens a prenderem-se ao estudo e a tomarem gosto pelo saber.

POMAR — Estamos a renovar as laranjeiras. Quando plantámos as que adoeceram e morreram; as pequenas plantas foram-nos oferecidas. Não nos deram as que desejávamos, mas as que disponibilizaram. Agora a visão é outra. Precisamos de árvores de qualidade, que nos produzam frutos competitivos em gosto e apresentação. Plantámos 75 laranjeiras em retancho e a oito, do melhor que há.

Padre Acílio

MORANGOS — Nós plantámos morangos no jardim da nossa escola.

Eles estão a crescer muito. Já deram flores e estão a dar morangos bonitos. Alguns já estão vermelhos. Nós é que tratamos do jardim, com a ajuda das professoras e da D. Lucília. Foi muito divertido plantar os morangos. Tirámos várias fotografias. Nós mostrámos o jardim e as outras partes da Casa, às pessoas que nos vêm visitar, aos fins-de-semana.

FAVAS — Nas férias da Páscoa, os da primária foram apanhar favas, no pomar novo. Eram seis filas de favas. O sr. padre Acílio ensinou-nos como se apanham as favas. Nós fomos apanhando com muita atenção e enchemos sete caixas e meia. Quando acabámos, pusemos as caixas no carro e fomos jogar à bola, no pavilhão. Depois do jantar, alguns foram descascar favas. Foi um bom dia para todos os gaiatos. Nós estamos contentes, porque, quando acabarmos de descascar tudo, vamos receber abono.

PORCA — Nós mandámos matar a porca que estivemos a criar. Já estava muito grande. Quando a trouxeram, vimos como era a porca por dentro, para aprendermos. No Domingo, comemos as nossas deliciosas favas e carne da nossa porca. No fim, comemos gelados muito bons. Foi uma maravilha!

Alunos da EB1 CG

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Perfume de esperança

A linguagem da Criação é um desafio apaixonante para tentar desvendar o Seu Autor. Neste grande livro, os seus caracteres são sinais a procurar decifrar e que a Sabedoria nos ilumina: “*Na grandeza e na beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador*” (Sb 13,5).

A época primaveril tem estímulos tão agradáveis que não nos deixa insensíveis. Numa noite, cerrada, cujo anseio é devido, depois do bulfício da garotada, com frescura ambiente, sobressaem o cântico natural da água saborosa da fonte e o aroma forte de um citrino.

Chegadinha ao fontenário, encontra-se uma vetusta laranjeira, cuja ramagem abundantemente florida oferece larga insipiração e bom odor. Durante a sua propecta existência, quantos filhos não beneficiaram do seu perfume de esperança, intenso, quando se abeiraram para matar a sede ou se aproximaram da mesa familiar?!...

Tem alguns ramos, pendentes, ao nível das frentes, de quem vai passando ou se protege da estiagem, como que marcando o seu lugar e função nobre. Durante a floração, a calçada desse sítio do átrio vai ficando cravejadinha de incontáveis pétalas brancas. Este tapete exige que seja enrolado, diariamente, com piaçaba, para não ser pisado indevidamente. Isto acontece de manhãzinha, depois das barriguitas bem compostas com o leite que mãos providentes e discretas têm partilhado com esta Família.

Pela sua implantação, essa árvore, com o odor aprazível que emana, nas redondezas, consegue contrariar o vento do poente, proveniente dos gados.

Nas suas imediações, escutam-se pedidos de ajuda, ternurentos. Uma vez por outra, alguns pequeninos não escondem a sua atrapalhação. O Malam tem suplicado, nessa zona: — *Ó senhora, venha aqui...* Entretanto, o Aliu, a gaguejar e com os passos trava-

dos, também tem surgido nesses preparos. O que é humano não é estranho às mães e aos pais e aos avós. E os pastores são só de almas?...

O cheiro agradável daquela generosa laranjeira, longe de Betânia, tem envolvido de tal maneira aqueles corpitos, saídos do bacio, que não há perfume artificial que o vença.

O valor da vida humana, nomeadamente débil, é elevado à sua grandeza, com Jesus, “*vencedor porque vítima*” (Santo Agostinho), que foi ungido por uma pecadora arrependida, antes de atravessar as trevas.

À hostilidade contra o Sucessor de Pedro não é alheia a hipocrisia de poderosos. O Senhor condena o pecado, mas quer salvar o pecador. A Igreja, desde as primeiras comunidades cristãs, encontra-se sempre na linha da frente, do serviço às pessoas fragilizadas.

A terra é pródiga em odores benignos, embora a poluição tenha aumentado na nossa civilização. Dos perfumes que se exalam no mundo, como apelo à conversão e compaixão, não podemos deixar de nos encontrar com aqueles que provêm dos frágeis e do Corpo Vivo de Jesus! □

GENTE DAS LETRAS AO ENCONTRO DE PAI AMÉRICO

Continuação da página 1

a palavra alheia e a palavra própria contracenam num enunciado que procura conduzir o leitor a uma verdade que, como escreve Bakhtine, «nasce da busca colectiva no processo da interacção dialógica» [Mikhail Bakhtine, *La Poétique de Dostoievski*, Paris, 1979.] e não de uma visão monolítica ou da imposição de uma moral. O leitor destas páginas não pode deixar de ser sensível a uma dinâmica textual em que a introspecção alterna com o comentário objectivo e racional; e onde as dimensões ideológica, ético-religiosa e afectiva do discurso revelam um escritor que põe o seu talento ao serviço de uma profunda reflexão sobre a condição humana. As palavras de Terêncio ajustam-se-lhe perfeitamente: *Homo sum; nihil humani a me alienum puto*.

Se «o fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza», princípio de edificação que recupera integralmente o ideal do franciscanismo (“partilhar a vida dos pobres e dos marginalizados para instituir-lhes a dignidade; defender uma Igreja que fosse pobre e que estivesse ao serviço dos homens”), a palavra, na sua realização escrita ou oral, terá de espelhar fielmente esse desígnio. Estamos, pois, perante um discurso anti-retórico, despojado de artifícios literários, que incorpora frequentemente a oralidade com o objectivo de facilitar a comunicação e prender a atenção do leitor. Um discurso que procura tornar patente (“aos olhos” *ad oculos*) a realidade que enuncia, explorando, sempre que necessário, os valores expressivos da língua; que gere com sabedoria as emoções; que faz incursões na via luminosa da reflexão. Um discurso que parece fluir ao correr da pena, subtilmente percorrido por imagens retiradas

dos Evangelhos que se adaptam plasticamente aos assuntos focados, e cujo ritmo é marcado por uma envolvente coloquialidade.

Nesta colectânea de textos do Padre Américo, repartidos por cinco secções, mesclam-se diversas modalidades discursivas: a do tribuno, a do cronista, a do diarista; mas é sobretudo a tonalidade difusa de uma escrita autobiográfica, onde ganha relevo o testemunho pessoal de quem renunciou a uma vida própria para se dedicar à acção solidária, que nos comove e convoca. De quem, por outras palavras, se esqueceu de si para ir ao encontro do Outro. Esse Outro que, como escreve Emmanuel Lévinas, se identifica com o rosto do próximo e me designa «uma responsabilidade irrecusável, que precede qualquer consentimento livre, qualquer pacto, qualquer contrato» [Emmanuel Lévinas, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, Paris, 1990.]

Este imperativo “fenomenológico”, se assim lhe podemos chamar, faz com que a irremissível «culpa» cristã se transforme numa indeclinável responsabilidade, assumida livremente, face ao Outro. É por via da denúncia intrépida da miséria, da exclusão social, da degradação física e moral do ser humano, que a dimensão ético-religiosa se inscreve neste discurso.

A leitura dos textos de Padre Américo, onde a Criança e o Pobre são presenças constantes, e onde aparecem, transcritos, cartas e comentários relativos à sua Obra, não podia deixar de nos trazer à memória Raul Brandão, um dos maiores escritores da nossa modernidade, nascido no Porto em 1867. O romance *Os Pobres*, publicado em 1906, é uma longa e dilacerada meditação sobre o drama da pobreza. Sabemos que o Pobre marca presença em toda a sua obra e que o seu último livro, publicado

postumamente em 1931, tem por título *O Pobre de Pedir*. O leitor mais atento depressa detectará afinidades electivas entre estas duas grandes figuras que marcaram o século XX português.

Escreve Raul Brandão, numa página das suas Memórias, que «Todo o esforço humano é no fundo uma lenta aproximação de Deus, assim como tudo na vida se resolve segundo a forma por que cada um encare Deus...». Esta é, talvez, uma boa chave de leitura dos textos de Padre Américo. A defesa indefectível e, em muitos aspectos, pioneira dos direitos da criança; a «fé na regeneração por convicção interior»; a recusa de ser «o poeta da miséria» por não poder dissociar o curso da sua vida do daqueles por quem se sente responsável; o sentido pedagógico que a sua acção adquire, quando, por exemplo, declara que «Quem não trabalha não come»; a crença na fraternidade como o mais elevado sentimento humano eis, em suma, os princípios básicos de uma filosofia do amor ao próximo que se lhe afigura inseparável da fé religiosa. É esse amor puramente altruísta que confere uma tonalidade própria à sua escrita e um valor ímpar à sua Obra.

A melhor conclusão que poderia ter esta breve evocação é a palavra, firme e directa, da figura que aqui homenageamos — e que, contra o pessimismo dominante, vem abrir um horizonte de esperança:

Não; a humanidade não é ainda matéria falida. Até mesmo aqueles que não acreditam no espírito se incendeiam, quando alguém nos sopra nas cinzas, aparentemente apagadas. O que é preciso é que se erga perante eles um ideal mais alto de beleza moral, de Justiça e de Caridade [Ob. cit., p. 310].

Maria João Reynaud
Professora da Faculdade de Letras do Porto

REFLECTINDO

Padre Telmo

Fome

MUITAS vezes me interrogo se as feiras em todas as cidades de Angola, serão luta contra a fome ou fonte da mesma.

Multidões comprando e vendendo produtos que vêm doutros países...

Não há jovens nas aldeias, todos fogem para as cidades, onde arranjam um biscate para sobreviverem — ou passam fome.

Milhares de hectares que dão capim e não se aproveitam, será poesia no tempo das queimadas.

Somente as margens do rio Luçala — segundo um estudo dum engenheiro alemão — dariam banana para toda a Europa.

Um amigo levou-me até ao fundo da ilha de Luanda. Lá muitos pedregulhos para o embate das ondas. Subi a um e olhei a fila dos grandes navios em direcção ao porto. Todos esperam a vez. Tudo vem de fora e despeja no porto a sua carga: carros, máquinas, comida e bebidas. Contentores e contentores ficam encastelados. Deles, uma grande parte carregados com álcool: cerveja, vinho e uma profusão de bebidas alcoólicas. Este álcool entra nos grandes armazéns. Como rio, ramifica-se em riachos e inundam os mercados, as ruelas dos musseques e as províncias. Restaurantes, comércio e cantinas, tudo está cheio. Em muitas portas ou janelas fica uma lata vazia para dizer que ali há álcool à venda.

A ruína dum povo... um povo que embrutece com álcool...

O rio da droga não se vê — vias sinuosas... mas podemos ler nos olhos de tantos jovens.

Tive, um dia, que fazer companhia a um amigo holandês desde a fronteira de Angola com a Namíbia, até Vinduque — quinhentos quilómetros. O meu amigo gostava da sua cervejinha e com tamanho calor, mesmo a mim me apetecia. Parámos em vários mini-mercados — sempre a mesma resposta: só sumos. Já em Vinduque, num grande mercado dum madeirense, com um sorriso trocista: — Só sumos.

Sumos de fruta em vez de rios de álcool — será a salvação deste Povo. □

MALANJE

Padre Rafael

Reconheceram-nO
ao partir o pão

NÃO posso deixar de ver esse pedaço de vida que tantos partilham connosco. Aquela viúva que partilha connosco um pouco da sua pensão, para alimentar nossos filhos. Aquele rapaz que depois das horas de trabalho continua com a tarefa no desejo de a terminar. Aquele que apesar da distância nos oferece um pouco do seu tempo e nos escreve umas linhas a perguntar como vamos. Aqueles que em seu retiro de oração pedem ao Senhor da Vida que nos dê forças. Aquele menino que ao ver-me regressar do campo me dá a mão e me regala com um sorriso. Aquele trabalhador que me pergunta se descansi bem durante a noite. Aquele chefe que entra na salinha para tomar um chá e me conta como correu o dia. Aquele ancião que me recorda que devo respeitar as refeições e o descanso. Não posso deixar de ver em todos e em cada um deles esse Deus que me anima a continuar na tentativa de realizar este sonho que temos de fazer um mundo novo.

Este ano tivemos um grupo de jovens da paróquia que celebrou a Páscoa connosco. Para alguns deles, não passaram de alguns dias de convívio, mas para outros, como sempre sucede, foi um tempo forte de encontro com a Pessoa fascinante de Jesus.

Por nossa parte, celebrámos a Páscoa com as pessoas das aldeias circundantes que vieram participar nas diferentes celebrações. Como sempre, foi a Vigília Pascal a grande festa de nossa Casa. Este ano caiu uma forte chuva que tornou difícil o acompanhamento das cerimónias. E o melhor foi no fim, pois tivemos que dar apoio com as nossas viaturas e levar a suas casas as pessoas das aldeias mais distantes. Numa das viagens, o camião ficou atolado na lama e teve de ir o tractor para o desatolar.

Na manhã seguinte, esperava-nos o Domingo da Ressurreição e, como em anos anteriores, as mães aproveitaram o ofertório para partilharem um pouco dos alimentos que extraíram da terra, depois de muito trabalho.

Por fim, chegou o camião que nos ofereceram para a exploração da madeira. Como não temos nenhum trabalhador capaz de conduzir o camião e a grua, tive de pôr mãos à obra e começar a praticar com alguns dos nossos trabalhadores.

Cristo Ressuscita em cada sonho que nos empenhamos em realizar. Nunca reconstruir o mundo foi tão difícil e apaixonante.

Feliz Páscoa e Dia da Paz em Angola (4 de Abril). □

BENGUELA

Padre Manuel António

Visita

TIVEMOS, há dias, a visita do Sr. Ministro da Assistência e Reinserção Social. Foi um encontro muito familiar. Ao longo da nossa conversa, falámos da abundância de filhos da rua. A causa principal é de ordem familiar. Não podemos separar o problema da criança abandonada do problema da família. Há uma tremenda falta de responsabilidade da parte dos pais. Os filhos são gerados. O pai biológico abandona, com muita frequência, a criança no ventre da mãe e desaparece. São raparigas, adolescentes e muito jovens, facilmente seduzidas ou oferecidas, sem o mínimo de maturidade para assumir tão grande responsabilidade. As vítimas mais inocentes são as crianças. Não há quem as defenda! Estamos na presença da violação flagrante dum direito humano destes filhos. A autoridade permanece indiferente. Ao falar, desta maneira, tenho a consciência de que não se trata dum problema fácil de resolver. Porém, é necessária uma intervenção decidida

das forças vivas da sociedade civil, em primeiro lugar. O ambiente de silêncio que se verifica favorece a prática destes crimes.

Estes filhos têm a porta aberta para a rua. Enquanto são pequeninos, vão recebendo o carinho natural do coração da mulher que os gerou. À medida que vão crescendo, os problemas vão surgindo, como é natural. Falta-lhes o amparo do pai e da mãe responsáveis. O desequilíbrio revela-se. A rua é o espaço físico e humano tentador. A instabilidade social tem, aqui, uma das suas fontes. Por isso, é preciso dedicar muita atenção a este problema das crianças geradas fora da família constituída sem estabilidade. Somos testemunhas vivas desta mensagem. Pedi ao Sr. Ministro que alargasse e abrisse o seu coração ao mundo destes filhos, na tentativa de encontrar as sugestões e respostas mais adequadas. Entretanto, aguardamos a hora de podermos acolher os mais necessitados. Basta-nos, apenas, que se cumpra a promessa dos empregos

para os que devem sair para a sua autonomia. São momentos aflitivos, para afinar cada vez mais a nossa esperança.

No coração destes, dos vossos e de todos os filhos há pérolas verdadeiramente preciosas. É preciso quem os ajude a descobri-las e a pô-las cá fora. O dinamismo participativo é a forma mais acertada. É o trabalho principal do educador.

Costumamos dizer a quem nos visita: O que está bem feito é obra deles; o que estiver mal feito é obra deles, também. É uma forma de traduzir a mensagem que Pai Américo gravou para as gerações presentes e futuras: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». É uma porta estreita, aberta para o caminho duro, difícil, mas seguro, que leva à meta mais próxima do Ideal que todo o pai e educador devem perseguir. A mãe com a ternura que lhe é peculiar tem a fogueira que irradia o calor humano de que necessita o coração dos filhos.

A visita do Sr. Ministro terminou com a entrega dalguns bens para a nossa Casa. Levou, com certeza, no seu coração, o bem maior do amor gratuito, gerador destes filhos que, como os outros, são a maior riqueza de Angola. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Os nossos pequeninos

A gente não merece de Deus saborear a alegria dos nossos mais pequeninos. Até quando chegam visitas, que eles ainda não conhecem, se estão por perto, correm a pendurar-se nas pernas e a querer colo. São mesmo uns amores. Alguns deles, tão retraídos, ao princípio, agora são estrelas na mímica e na dança. O Jerónimo basta que lhe emprestemos um telefone, logo se põe a dançar. A música só ele ouve. Ao chegar pensámos que sofria de avitaminose. Não aceitava a comida, porque só conhecia a farinha e arroz. Não tem lombrigas, porque logo se combateram. É mesmo assim. Pernas arqueadas, pela falta de andar, tem dado muitos trambolhões, porque as cambalhotas não lhe saem direitas, ou porque apanhou as sandálias de um maior e tropeça.

O Valentim está mais tranquilo, excepto quando lhe aparece o Jerónimo para correr e leva a melhor. O Eugénio não conse-

guiu palavras para explicar como arranjou tão grande hematoma na cabeça, nem ninguém viu. Coisas só dele, porque também não havia lágrimas, enquanto o Ben, o mais grandão de Casa, lhe aplicava uma compressa de gelo. Este Ben deixou o emprego para acabar a décima segunda e ingressar em medicina. Ele foi enfermeiro dos seus companheiros, ensinado pela *ti* Maria José, que vai colocando em linha de vocação, os da saúde. Neste momento são mais três que querem enfrentar o desafio da enfermagem ou da medicina. Todos, à tarde, a seguir ao banho, vestem a bata e põem as luvas para os curativos.

Temos um problema grave que vem de longe. No princípio, enquanto a Escola era só para os nossos, em pouco tempo ficavam limpos. Quase todos traziam tina, pela falta de limpeza e até porque, na rua, alguns dormiam aconchegados aos cães, vadios como eles, mas seus companheiros muito que-

ridos. Eles os abandonados pelos pais e alimentados pelos caixotes de lixo. Hoje não ligam ao mal da tina, de tão habituados. Mas a nós custa-nos muito vê-los assim. Tão pequeninos e tão inocentes que são. Esta tarde quando saíram da Escola para ir tomar banho, ia recomendando aos que passavam para se lavarem bem e não esquecer o curativo, reparei no Jaime, já nos seus 13 anos, todo pelado no alto da cabeça. Perguntei se era da tina, para mostrar os efeitos dela aos outros. Baixou os olhos e disse: «não, foi o meu pai». Estremeci e acarinhei-o.

Agora, com a Escola aberta a tantas crianças de fora, o problema é sério. Há anos que não conseguimos mais acabar com a tina. Rapadinhos de cabelo, todas as semanas, com o crânio a brilhar, lavados com desinfetante e depois bem esfregados na cabeça com pomada adequada, é uma pena. Alguns até parece que pioram. Vamos ter de voltar aos velhos tempos da Obra da Rua em que o cabelo era retirado com adesivo e depois de tratados, usavam uma touca branca? Repugna vê-los com tal enfeite, que até se pode prestar a sinal de segregação. Há muito falamos nisso em Casa e temos receio.

Inocentes, a sofrer como Cristo os pecados dos outros! Como não não-de ressuscitar verdadeiramente, aqui em Casa e tornar presente na nossa vida a transformação verdadeira do Homem Novo que começou no Baptismo e é continuamente assegurada, pela mão de Deus que nos conduz. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

AQUELAS duas mulheres estavam à minha espera. Mal as vi ao longe, intuí imediatamente a finalidade que as trouxera à Casa do Gaiato.

Os rapazes já iam a meio do almoço, no grande e muito belo refeitório, e eu ouvia a sua alegre algazarra no convívio, à volta das mesas.

O sol aquecia todo o ambiente do campo e obrigava-me a tapar a cabeça com o casaco.

Ainda me passou pela mente fugir do encontro com as duas senhoras, sentadas no corredor por onde eu devia passar, para a mesma refeição com os rapazes. No meio de tantos apetites: da companhia feliz dos rapazes, da refeição a rescender, gostosa, do descanso que a mesa proporciona, decidi-me atender aquelas irmãs. Era o Senhor que me aguardava!

Sentei-me no meio das duas e ouvi-las. Sabe tão bem, neste tempo pascal, sentir o Senhor Vivo nos pobres e extasiar-me com sua presença, de tal maneira que todas as minhas atenções se concentraram nos problemas relatados.

Só uma tomou a palavra. A outra mais acanhada e menos desenvolvida fazia acenos e dizia sim às privações ouvidas.

É à sexta-feira que atendemos os pobres, mas todos os dias nos chega gente a pedir. Lá lhes fui dizendo que também nós temos dificuldades e que não poderia obviar a todas as suas necessidades.

No sábado passado tinha ido celebrar à Capela do Carmo e alguém, escondendo-se por interposta pessoa, fez-me chegar às mãos um envelope com 250 euros.

Eu tinha-os reservado para responder a alguns pedidos feitos por cartas amontoadas na minha secretária. Eram notas de 50 euros, bem à feição de as meter embrulhadas dentro de um envelope e socorrer assim, aflições conhecidas à distância.

Ora, fui buscar duas e dei uma a cada sofredora. Arranjei ainda dois sacos com três grandes pães e a senhora preparou outros com fruta e doces. Era o que tinha!... Se fosse hoje, já lhes daria também, batatas e manteiga.

Ele, há existências muito sofridas! Quem as vê não lhes parece, mas quando entramos no íntimo delas, é que as avaliamos.

No dia dos pobres, à sexta-feira, era uma multidão!... Eles vêm de longe e de perto, da cidade e do campo, em carros motoretas e a pé. Lembra-me cenas bíblicas: - o povo de Deus à procura de pão.

As senhoras, os rapazes e eu chegamos a aviar mais de cem pessoas.

Nesse dia, apareceu um senhor que costuma trazer bolos. Apresentou-se como comerciante e vendedor de doçaria. Quando sobra vem trazer-nos. Quis cumprimentar-me para fazer um reparo que se transformou em ameaça: — *Eu venho trazer os bolos para as crianças, sim, essas merecem. Se continuam a ajudar gente desta nunca mais aqui ponho os pés. Então gente, têm dinheiro para carro e não têm para comer!?*...

Estava uma pequena furgoneta de caixa aberta e dois carros velhos. Expliquei-lhe, e, com verdade, defendi os pobres. Eles juntam-se em grupos de três e quatro e vêm no mesmo veículo quase sempre propriedade de outra pessoa a qual, também, assim, os ajuda.

O homem não veio às minhas e manteve-se na dele. — *Prefiro deitar fora os bolos.*

Para estes senhores, pobres são apenas aquelas pessoas que não tendo nada são muito humildes gratas e respeitadoras. Essa casta de pobres há muito desapareceu do meio de nós ou é muito rara. Quantas vezes um telemóvel ou mesmo um carro são instrumentos indispensáveis na vida de um pobre, quantas?!

Como eu entendo ainda melhor que para acudir e compreender os pobres é preciso ser-se pobre. Por estas e muitas razões mais profundas e sublimes, o Filho do Homem nasceu e viveu pobre. Sem ter onde reclinar a cabeça!

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A amizade de Cristo é uma fonte de Bem. Com ela podemos ir muito longe. Por amor d'Ele toda a obra se valoriza. Só Ele é a Luz. Nós fazemos sombra; e, quando nos colocamos à frente das obras, como nossas, tudo são trevas! (...) O teor das obras de Deus é desconcertante e desorienta os homens afeitos à geometria. Também isto é maneira de apresentarmos o Evangelho. Os homens de fé não podem duvidar. Deus é fiel às Suas promessas. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

O mundo anda ao invés. Os do mundo querem ser poderosos e ricos; mais ou tão ricos como os outros. Ninguém ama a altíssima pobreza como Francisco de Assis a amou. Por isso o mundo fica mais pobre, mais só e mais auto-destruído; pois mesmo quando diz ajudar o Pobre, é com sentido de usura que o faz.

Admirar... não é uma atitude recreativa ou lúdica; é sair de si para ir ao encontro, com a vida, de uma manifestação de verdade.

Pai Américo dizendo que a nossa maior riqueza é a nossa pobreza, estou em crer que quis dizer isto mesmo: quem sai de si deixando tudo o que tem e é, alcança uma coisa nova, a verdade, que se dá a conhecer nas coisas e nas pessoas embora estando para além delas. Estes são os momentos sérios e decisivos da nossa vida. □